



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação

Fazenda Bela Aliança

código

AII-FO2-Pin

localização

Rodovia RJ-141 (trecho entre Vargem Alegre e Pirai)

município

Pirai

época de construção

século XIX

estado de conservação

detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original

pecuária de leite e corte / fazenda de café

proteção existente / proposta

nenhuma

proprietário

particular



fonte: IBGE - Pirai



Fazenda Bela Aliança, fachada lateral

coordenador / data

Sônia Rachid – jun 2009

equipe

José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes

histórico

Adriano Novaes

revisão

Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

Seguindo pela rodovia RJ-141, partindo de Vargem Alegre, distrito de Pinheiral, no sentido do município de Piraí, percorre-se 11,3 km em estrada de terra batida até a estrada da fazenda. Adiante mais 1 km, alcança-se a sua sede. A fazenda possui ainda outro acesso a partir da cidade de Piraí.

Da estrada avista-se ao longe, compondo a grande planície verde, as palmeiras imperiais e o denso arvoredo que envolve a sede da fazenda (f01). O caminho de entrada se apresenta longo, passando sobre o córrego Maria Preta, sendo margeado pelas cercas que delimitam os espaços rurais. Pode-se ver ao fundo, à esquerda, os silos, os currais e as dependências da lida com o gado. No descampado era o local onde existia a antiga senzala (f02).

Sob as frondosas mangueiras, junto ao caminho, encontram-se os terreiros de café, que até recentemente estavam encobertos por camadas de terra (f03 e f04). Mantém piso em pedras lavradas de grandes dimensões e canaletas, também em pedra, direcionadas para galerias subterrâneas (f05), sendo limitado por mureta e tendo próximo uma grande murada atrás da garagem (f06).



01



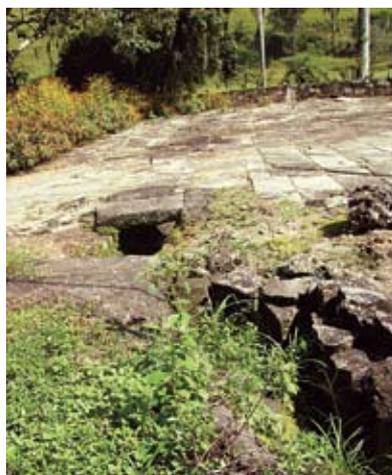
02



03



04



05



06

Um antigo casarão é, atualmente, a casa do caseiro e as duas construções que se seguem são obras mais recentes, configurando-se como um paiol e o depósito com garagem (f07). Nota-se uma interessante construção de alvenaria de tijolo maciço – espécie de guarita ou posto de guarda (f08) – que está em meio ao matagal. Acredita-se que definia alguma entrada para a casa-sede.

Logo na chegada ao entorno imediato da sede, passa-se por uma rústica porteira, tendo a seguir uma bifurcação. Desta pode-se seguir para a casa-sede ou para uma bucólica estradinha de grama rala (f09) que contorna o arvoredo existente ao longo da base de um alto muro de pedra seca. Este é arrimo da área da piscina que está situada na parte lateral esquerda da casa, com destaque para os bicames entalhados em meia-cana (f10). O percurso até a casa continua entre árvores ornamentais e frutíferas, chegando à horta e à área dos fundos.

O caminho principal é um aclave suave com piso central de pedras e emoldurado por forração miúda. Sua angulação perfeita conduz as águas pluviais para as calhas em cantaria, revestidas de musgo, que correm lateralmente junto à mureta coberta em sebo de murtas. No entorno, grandes mangueiras, jamelões, jabuticabeiras, paineiras, ameixeiras e as ornamentais dracenas forradas com calateias. Complementa o percurso, aleia de palmeiras imperiais que proporciona ares de nobreza à chegada. Maciços pilares nas laterais sugerem a existência de um portão que resguardava a casa-sede (f11).



07



08



09



10



11

A seguir, observa-se, à esquerda, um portão de ferro (f12) e a murada com gradil (f13) que contorna a área ajardinada da piscina (local da antiga fonte), para a qual volta-se a varanda do pavimento térreo do casarão, revelando sua deslumbrante fachada lateral esquerda (f14).



12



13

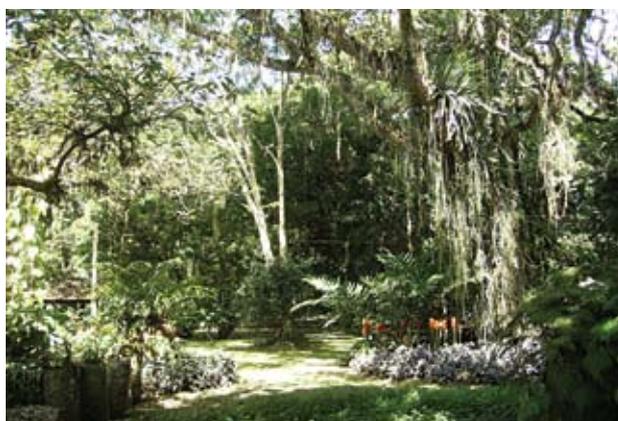


14

Segue-se a fachada principal (f15) e, mais adiante, o jardim que se estende pela lateral direita da casa. Este é composto por estreitas alamedas que serpenteiam entre frutíferas, algumas centenárias, de jambo, sapoti, abiu, castanha, seriguela, jaca, jabuticaba, manga, além de muitas árvores de madeira de lei, como pau-brasil, pau-mulato, peroba, sibipiruna e cedro, em cujas copas há orquídeas, bromélias e epífitas de muitas espécies (f16). O arvoredo forma um exuberante espaço de contemplação e convívio, complementado pela grande roda de pedra entalhada, antigo despoldador de café (f17). As forrações de azaleias, bouganvilles, manacás e o perfumado jasmim do imperador embelezam a entrada para a sala de jantar e os cômodos de serviços (f18).



15



16



17



18

A implantação da sede próxima a um desnível do terreno permitiu a criação de um porão habitável ocupando toda a lateral esquerda. A fachada principal, com sua composição peculiar, caracteriza-se por distribuir simetricamente, no segundo pavimento, seus nove vãos (f19) e pela presença de uma bela escadaria em leque com degraus em pedra talhada e bocéis adoçados (f20). Convergingo para a portada central, destacam-se os guarda-corpos em ferro fundido trabalhado e patinado pelo tempo, com os corrimãos de madeira, terminando nos arranques laterais em forma de coluneta em pedra (f21).



19



21



20

Os vãos das fachadas principal e lateral esquerda (f22) têm verga em arco ogival, característica neogótica marcante, com esquadrias apresentando bandeiras fixas, e as janelas sendo vedadas, exteriormente, por caixilhos de vidro e, internamente, por folhas cegas em madeira. Destaca-se a janela da capela, que bascula para fora e tem vidros coloridos formando um vitral, mantendo, internamente, folhas cegas enrelhadas (f23). A portada central almofadada (f24) tem entalhes de formato cuneiforme sendo ladeada por paredes decoradas por pilastras nervuradas em massa, encimadas por capitéis com delicadas guirlandas.



22



23



24

O beiral, com cimalha em estuque, recebe ricos arremates de massa em alto relevo, com frisos em florões e folhagens. Os cunhais de três das quatro fachadas são artisticamente ornamentados por refinados festões floridos em estuque, de diferentes desenhos (f25 e f26). Observe-se que as outras esquadrias são de verga reta, sendo que, nos fundos as folhas cegas têm venezianas (f27).



25



26

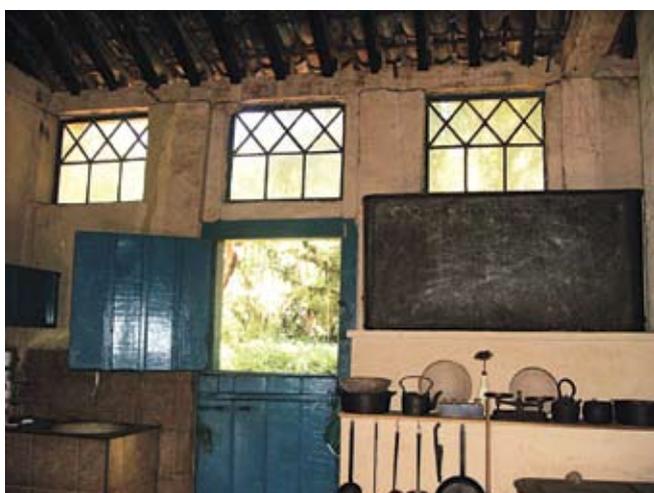


27

No bloco dos serviços, algumas janelas são de guilhotina comum, outras são geminadas e, na cozinha, básculas envidraçadas fazem a iluminação (f28). No porão, os vãos são guarnecidos por umbrais e vergas em pedra talhada (f29) e a bela portada central tem esquadria de madeira, com duas folhas almofadadas, se diferenciando pela verga em arco abatido (f30).

A entrada principal de acesso ao pavimento superior leva à sala-nave da capela, cujo altar é resguardado por uma porta com verga em estilo joanino (f31), com duas folhas e pintura rococó de delicadas flores nas almofadas. O belo retábulo é em madeira natural.

Dois quartos e o escritório voltam-se à sala-nave, que serve ainda de acesso para o espaço de transição – com escada para o porão –, bem como para a sala de visitas, cuja porta leva à extensa varanda sobre a fachada lateral esquerda. Para esta varanda volta-se também um correr de doze janelas (f32) e outra porta proveniente do quarto de maior área da casa, localizado ao fundo, que mantém interessante pia inglesa (f33, f34 e f35). Segundo a proprietária, a varanda não é original¹, assim, duas das janelas foram rasgadas para dar lugar às portas mencionadas. O assoalho já foi de pinho de riga, tendo sido destruído pela umidade. O piso, os pilares e o guarda-corpo recortado são de madeira.



28



29



30



31

¹ A sede da Fazenda Bela Aliança não possuía, originalmente, a extensa varanda em balanço que hoje ocupa toda a fachada lateral esquerda. Provavelmente, na virada dos séculos XIX/XX é que esta intervenção deve ter sido realizada, conforme é possível observar na foto 53. Posteriormente, foi objeto de outras reformas.



32



33



34



35

As esquadrias internas são de verga reta (f36), com bandeiras fixas em caixilhos de vidro. Somente na sala-nave e na sala de visitas as esquadrias tem bandeiras em formato ogival, com barrado no roda-meio em frisos dourados, que contornam as cercaduras dos vãos (f37). A cor clara interna contrasta com o azul forte das folhas externas. Os numerosos quartos são distribuídos junto à sala de estar, localizada em posição central, com saída para o pátio interno (f38 e f39), espaço que possibilita a ventilação dos banheiros, salas e de alguns quartos. Seu gramado recebe dois pequenos lagos cobertos pela vegetação do exótico lótus-da-índia. Ao redor, as calhas em pedra fazem a perfeita drenagem das águas pluviais. A passarela que atravessa o centro desse pátio chega a um *hall* na lateral direita que se comunica com o avarandado descoberto. Esta área alteada foi construída para proteger o assoalho da sala de jantar, que não resistiu às infiltrações descendentes, tendo que ser trocado. Seu piso de pedra São Tomé tem grelhas de ferro para escoamento das águas pluviais, sendo o espaço fechado por mureta de cobogó cerâmico, dando acesso também para a sala de jantar e a copa (f40 e f41).

O espaço destinado para a área de serviço propiciou um pátio para os serviços gerais. Evidências no piso e madeiramento da cobertura indicam que a construção antiga era maior, tendo, provavelmente, a conformação de um “U” (f42).

A escada de madeira que leva ao porão desenvolve-se em dois lances, chegando a um grande salão central. Neste, os espaços se distribuem para uma sala de estar com lareira e para uma sala de jogos, com quarto e depósito anexos. No assoalho da sala de jogos, um alçapão revela um espaço subterrâneo, provável local de guarda de armas ou valores (f43). Na varanda, as colunas perfiladas, envoltas por jasmims e trepadeiras, fazem a sustentação da varanda superior, destaque para os belos cunhais em pedra (f44 e f45).

A casa-sede, construída sobre base de pedra, tem estrutura em gaiola de madeira (barrotes, madres, pilares e frechais), com o fechamento das paredes em pau a pique e a tradicional caiação em branco contrastando com o azul das esquadrias.

Com a reforma da cobertura do casarão, foram mantidas as antigas capas de cerâmica e as bicas foram substituídas por novas. Excetuando-se as fachadas principais, os beirais são encachorrados e os cunhais são de madeira.

O piso dos cômodos da área íntima e social é original, em tabuado de madeira. Nos banheiros do corpo da casa tem-se o piso de ladrilho hidráulico, com azulejos em meia parede e, na área que compreende os serviços, a cozinha (f46) e o banheiro, o piso é de lajotas cerâmicas. Na despensa e depósito, o chão tem cimentado liso e a copa recebe ladrilhos hidráulicos com belo desenho (f47). A pedra São Tomé reveste o avarandado descoberto e a varanda do porão. O forro da casa é todo em saia e camisa e, nas dependências de serviço, o telhado é aparente.

As construções existentes na entrada da propriedade são de alvenaria com cobertura de telha francesa, já o antigo casarão sobre porão baixo que serve ao caseiro tem paredes de pau a pique, esquadrias em verga reta com guilhotinas e folhas cegas, sendo de madeira o assoalho e o forro em saia e camisa.



36



37



38



39



40



41



42



43



44



45



46



47

Muito bem conservada, a casa-sede não demonstra, nas paredes internas, qualquer tipo de comprometimento, porém observa-se exteriormente, no embasamento, infiltração ascendente (f48 e f49), ocasionada pela umidade das águas pluviais. Além disso, há algumas paredes com sujidade e descolamento de pintura (f50 e f51). As colunas da varanda apresentam pulverulência (f52).

A iconografia antiga revela que numa reforma na varanda, provavelmente no início do século XX, os esbeltos pilares de ferro foram revestidos por alvenaria de tijolo maciço, mostrando ainda o lambrequim contornando o beiral e, nas extremidades da varanda, as decorativas sinhaninhas em madeira rendilhada (f53). Vale ressaltar o comprometimento dos frisos decorativos com o madeiramento do telhado da varanda (f54) e, na cozinha, nota-se que uma das portas foi transformada em janela.



48



49



50



51



52

A intervenção nas janelas ogivais passa despercebida, notando-se que as folhas cegas que fazem o fechamento externo eram originalmente partes internas, permitindo que as guilhotinas ficassem à mostra na fachada.

O assoalho ainda está intacto, os barrotes no forro do porão (f55) se mostram em perfeito estado. Quanto ao forro do casarão, observam-se algumas áreas deterioradas pela ação de insetos xilófagos, havendo ainda manchas de bolor (f56), provenientes de umidade e deterioração de esquadrias que ficam expostas às intempéries (f57).

Na capela, junto ao retábulo, pode-se perceber a marca do vão de janela que foi emparedado, constatando-se, exteriormente, ser este a primeira janela da fachada lateral direita, mantida para compor esteticamente a mesma (f58).



53



54



55



56

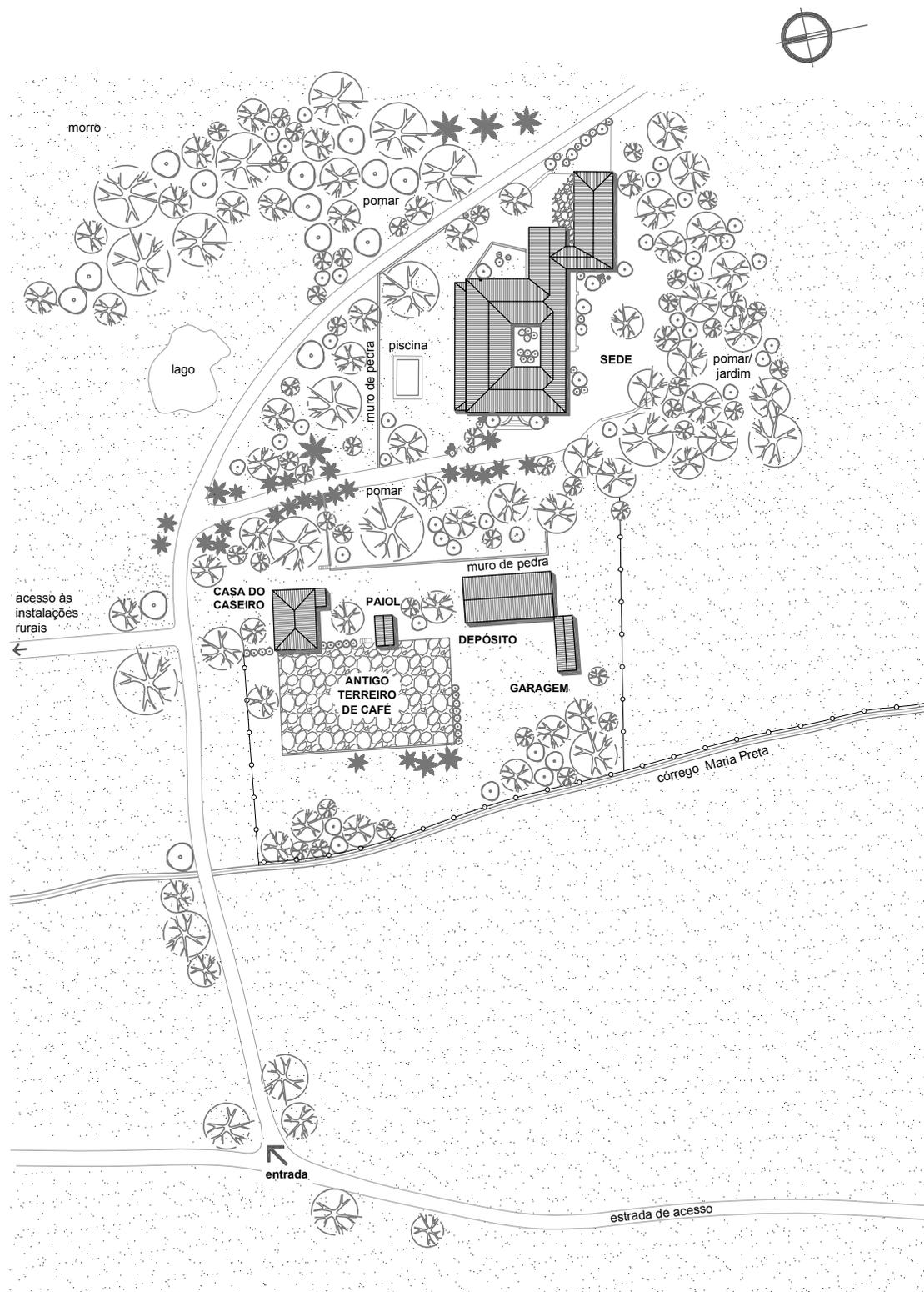


57



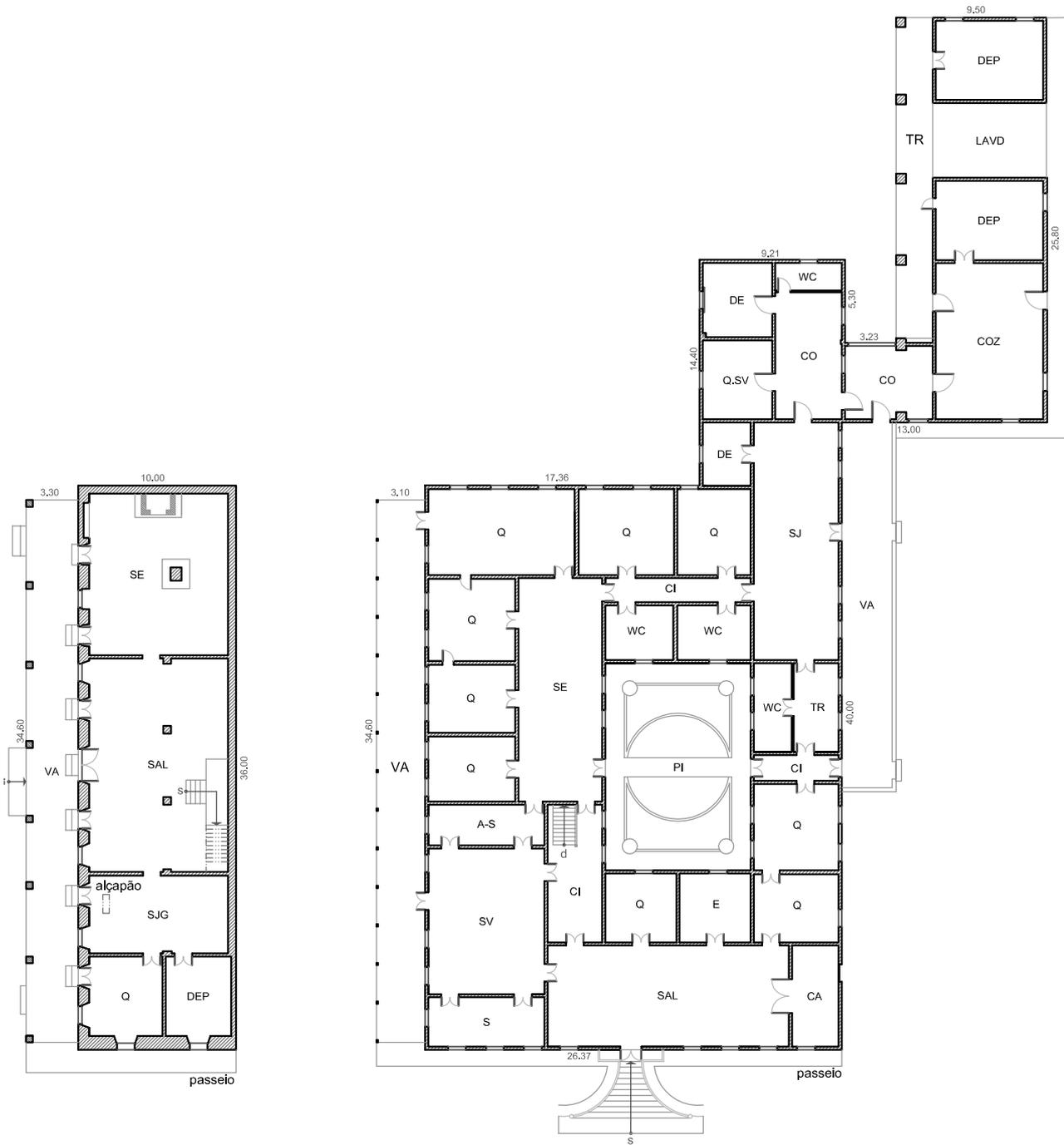
58

FAZENDA BELA ALIANÇA



1 Implantação
escala: 1/1750
0 5 10 40

FAZENDA BELA ALIANÇA



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/400

2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/400



A-S - ante-sala	CO - copa	DEP - depósito	PI - pátio interno	S - saleta	SJ - sala de jantar	TR - transição	alvenaria existente
CA - capela	COZ - cozinha	E - escritório	Q - quarto	SAL - salão	SJG - sala de jogos	VA - varanda	alvenaria demolida
CI - circulação	DE - despensa	LAVD - lavanderia	Q.SV - quarto de serviço	SE - sala de estar	SV - sala de visita	WC - banheiro	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AII - F02 - Pin

2/2

equipe: Sonia Mautone Rachid / José Roberto Mendes / Marcos Vinícius	desenhista: Marcos Vinícius Silva Gomes	revisão: Francyla Bousquet	data: jun 2009
---	--	-------------------------------	-------------------

Bela Aliança teve origem em uma sesmaria concedida a Antônio Gonçalves de Moraes, no ano de 1781, com uma área correspondente a “*uma légua de testada e outro tanto de certão*”, conforme o documento de concessão¹. No registro Paroquial de Terras de 1855, que por lei todos os possuidores de terras eram obrigados a fazer, Silvino José da Costa declarou que recebeu meia-légua como dote da esposa e que havia adquirido o restante das terras. Além da Bela Aliança, constam de sua declaração a Fazenda Bella Vista, e, de seu inventário, a Botafogo, assim como diversos sítios, que também se destinavam a cafeicultura.

Comendador Silvino José da Costa era casado com Ana Clara Breves Moraes da Costa, filha do barão de Pirai, e lá construiu a casa de vivenda, onde se estabeleceu e criou sua numerosa prole de oito filhos. O comendador, carioca de origem, pequeno cafeicultor, se comparado a seus vizinhos ilustres, sobressaiu-se e teve seu prestígio reconhecido como vereador e presidente da Câmara da Pirai, entre os anos de 1846 e 1848.

O comendador morreu em 1864, aos 72 anos de idade, e consta de seu espólio que somente a Fazenda Bela Aliança possuía 196 escravos e cerca de 120 mil pés de café, de um total de 837 cativos, e 1.171.500 pés de café, junto com os das outras propriedades (ALEGRIO, 2008. p.48-50).

Em outubro de 1867, ou seja, três anos após a morte do comendador Silvino José da Costa, sua filha Anna Clara (apelidada de Nicota) casou-se, na capela da Fazenda Bela Aliança, com Maurício Haritoff, natural da Rússia, a quem havia conhecido nos salões da já então famosa Fazenda do Pinheiro, de propriedade de seu tio, José de Souza Breves, irmão do “Rei do Café”, Joaquim José de Souza Breves, e foi viver em Paris. Quando retornaram ao Brasil, passaram a residir em uma bela casa no bairro das Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 29 de outubro de 1880, quando terminou a partilha dos bens da viúva de Silvino, falecida quatro anos, o casal Haritoff comprou de uma irmã de Nicota, Rita, casada com o político mineiro Teófilo Otoni², a parte que lhes coube na fazenda, incluída a sede. O casal, que impressionava a corte com a elegância de suas festas no solar das Laranjeiras, fez dessa propriedade a extensão de seu estilo de vida no Brasil e na Europa, com grandes recepções e todos os requintes da nobreza europeia. Em 1887, por exemplo, recebeu a visita do grão-duque Alexandre, da Rússia, que desposaria Xênia, irmã do futuro czar Nicolau Segundo³.

Segundo Leila Vilela Alegrio, alguns meses antes da abolição da escravatura, Haritoff decidiu libertar todos os seus escravos. Fez realizar para este ato cerimonial uma missa na capela da fazenda, com a presença de pessoas eminentes, como Joaquim Nabuco, que a descreveu, em seu livro *Minha formação*, como um dos momentos mais emocionantes vividos por ele em Bela Aliança (ALEGRIO, 2008. p.48-50).

A decadência dos cafezais do vale, agravada com a abolição da escravatura, fez com que, no ano seguinte, ou seja, 1889, os Haritoff hipotecassem, pela primeira vez, a propriedade ao Banco do Brasil. Nesta ocasião, Bela Aliança já impressionava pelo nível de progresso que havia alcançado: contava com padaria, luz elétrica, tanques e encanamentos para água, e máquinas americanas Ldgewood para beneficiar grãos de 700.000 pés de café.

O casal desfizera-se também do solar das Laranjeiras, que foi a leilão, e passaram definitivamente a residir na fazenda. Com a saúde debilitada, a bela senhora Anna Haritoff, imortalizada na tela de Gustavo Richter⁴, faleceu em 22 de março de 1894, aos 44 anos.

Maurício Haritoff, viúvo, ligou-se a Regina Angelorum, criada na fazenda e 23 anos mais moça que ele. José, o primeiro filho do casal, nasceu dez meses depois do falecimento de Nicota. Rita Otoni aceitou ser sua madrinha, mas o nome do pai da criança não figurou na certidão de batismo. O recém-nascido morreu de broncopneumonia aos dois anos e meio de idade, levando Maurício ao desespero (Maurício e Nicota não tiveram filhos). Maurício entrou em processo de falência, perdendo todos os bens. Pela segunda vez, recorreu ao Banco Hipotecário do Brasil, em 1898, e renovou a hipoteca da fazenda, que acabou sendo executada em 1909. Maurício faleceu na cidade de Barra do Pirai, em 1919⁵.

No ano seguinte, o banco credor vendeu a fazenda para Jaguanharo da Rocha Miranda, declarando ser sua área de 1.741 hectares. Em seguida a este proprietário, foram vários os que passaram por Bela Aliança: Mário Modesto Leal, Manoel Pinto Nogueira, Antônio Paula Simões, Helena Ziembisky, Zuleika Gordilho Cunha, Justiniano Arantes Vilela e a Cia. Imobiliária América do Sul. Em 1959, foi adquirida por Manoel Azevedo Leão, e tinha então 300 hectares (62 alqueires geométricos de terras), que, ao longo dos anos, foram novamente aumentados, sendo que hoje se encontram reduzidos a 282,12 hectares.

Atualmente, Bela Aliança encontra-se na posse da herdeira de Manoel de Azevedo Leão, que com muito zelo cuida deste importante patrimônio histórico. Vale aqui citar um pequeno trecho escrito por ela, em novembro de 2004, como forma de homenagear os que a precederam em Bela Aliança:

“Muita coisa mudou e ainda vai mudar em Bela Aliança. Seus fantasmas (se é que jamais existiram) dormem em paz e a ela se agregou o amor e a dedicação de gente como meus pais, seus auxiliares e os que continuam e me apoiar. Muita coisa se renova ou retorna, impedindo o passado de se apagar, Que o digam os frasquinhos de óleo de rícino e o caco de louça com rosas vermelhas e folhas douradas que, tendo sumido por frestas do assoalho, logram reaparecer. Que o diga a vetusta garrafa de vinho do Porto “Andresen” que permaneceu intacta sob as lajes do pátio externo. Embora vazia, ela nos convida a brindar quem nos precedeu, trabalhando, sofrendo e gozando nesse pedaço de chão”.



Acervo da Fazenda Bela Aliança, s.a., s.d.



Acervo da Fazenda Bela Aliança, s.a., s.d.



Acervo da Fazenda Bela Aliança, s.a., s.d.